

Ecosistema Audiovisual Gaúcho: entrelaçamentos teóricos sobre uma prática em mapeamento¹

Miriam de Sousa ROSSINI ²

Rafael Sbeghen HOFF ³

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

RESUMO

O ecossistema audiovisual gaúcho é visto pelo prisma da Economia Política da Comunicação e da Cultura, dando visibilidade aos agentes e suas relações intrínsecas ao campo. A pesquisa em curso procura articular realizadores, universidades, agentes públicos e promotores culturais para entender as implicações de uns sobre outros, na rede complexa formada pelo ecossistema. Faz uso de diferentes procedimentos metodológicos e técnicas de pesquisa, procurando construir uma cartografia desse ecossistema.

PALAVRAS-CHAVE: audiovisual, cinema, ecossistema, economia, política.

INTRODUÇÃO

O texto parte de uma caracterização das premissas teóricas que são tomadas para a construção do conceito de ecossistema audiovisual. A partir dessa, apontamos contribuições da Economia Política da Comunicação e da Cultura como epistemologia para observar atravessamentos e relações entre os agentes, com o objetivo de identificar como esses se dão e seus desdobramentos para além do campo específico do audiovisual.

Reconhecemos a mudança de paradigma na construção de um olhar mais amplo e complexo sobre os sistemas, tal como define Capra:

O novo paradigma pode ser chamado de uma visão de mundo holística, que concebe o mundo como um **todo integrado**, e não como uma coleção de partes dissociadas. Pode também ser denominado visão ecológica, se o termo "ecológica" for empregado num sentido muito mais amplo e mais profundo que o usual. A percepção ecológica profunda reconhece a **interdependência** fundamental de todos os fenômenos, e o fato de que, enquanto indivíduos e sociedades, estamos todos encaixados nos processos cíclicos da natureza (e, em última análise, somos **dependentes** desses processos). (CAPRA, 1996, p.25)

A partir desse entendimento complexo sobre os sistemas, e no caso deste artigo, do sistema constituído por agentes e organizações, instituições e políticas públicas, que

¹ Trabalho apresentado no GP **Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura**, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Camboriu-SC, set 2024.

² Professora Titular do Departamento de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRGS, email: miriams.rossini@gmail.com

³ Professor Adjunto do Curso de Jornalismo da UFAM, professor permanente do PPGCOM-UFRR e professor colaborador do PPGIC-UFAM. Pós-doutorando junto ao PPGCOM/UFRGS. rafael.hoff@yahoo.com.br

afetam-se mutuamente no campo do audiovisual, adotamos a concepção teórica da ecologia das mídias. Scolari aponta suas origens:

Según dicen los que lo conocieron personalmente, Marshall McLuhan empleó por esa época el concepto de media ecology en algunas conversaciones privadas; sin embargo fue **Neil Postman** quien en **1968** lo utilizó por primera vez en público en una conferencia en el National Council of Teachers of English. Tres años más tarde Postman inauguraba el programa en Media Ecology en la Universidad de Nueva York. (SCOLARI, 2013, p.33)

A Ecologia das Mídias leva em conta as mudanças de mercado, os fluxos e performances profissionais, o papel das organizações na constituição dessas relações – sejam elas públicas ou privadas – entre outros vários elementos, constituindo assim uma teia ou rede sem uma centralidade. Canavilhas descreve esse sistema a partir das premissas teóricas aqui elencadas:

Passamos a falar de um sistema em que meios e ambientes geram novas e variadas relações resultantes da sua natureza **instável, móvel e global**, gerando um constante estado de desequilíbrio que rapidamente se **reequilibra** para logo a seguir se desequilibrar novamente pela introdução de novos meios ou ambientes num ecossistema em **permanente mudança**. (CANAVILHAS, 2010, p.2)

Como procedimento metodológico conceitual, a Ecologia das Mídias adotada neste texto procura investigar três fatores: midiáticos (a influência de mídias anteriores sobre novas mídias); contextuais (como a customização de produtos e serviços no campo do audiovisual e a consequente transformação da experiência de consumo, do coletivo para o individual); tecnoculturais (prosumidores aumentando exponencialmente a oferta e a afetação das sociabilidades mediadas por mídias sociais digitais).

A seguir, pormenorizamos o recorte sobre o cinema e audiovisual gaúcho, detalhando mais etapas da pesquisa em curso e da qual deriva esse texto.

ECOSSISTEMA AUDIOVISUAL GAÚCHO

O campo audiovisual gaúcho possui uma tradição consolidada ao longo do século XX e início do século XXI, impulsionada nos últimos anos pela transformação tecnológica (digitalização), pela multiplicação de canais de distribuição/veiculação na web, pela cultura imagética contemporânea, pelo alcance e possibilidade de monetização potencializados pelas mídias sociais digitais, entre outros fatores. Neste texto, buscamos identificar alguns desses outros elementos que constituem um ecossistema audiovisual regional, tal como os cursos universitários ligados à área e o papel dessas instituições de ensino na dinâmica do mesmo, os eventos (mostras e festivais) como espaços de circulação de obras e profissionais, as políticas públicas como aparatos estatais

fundamentais no modelo produtivo nacional e regional. Tais percepções emergem e se **justificam** a partir das investigações já empregadas pelo Grupo de Pesquisa em Estéticas e Processos Audiovisuais (ARTIS-UFRGS) ao longo da última década, com financiamento da CAPES-CNPQ, junto ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O **procedimento metodológico** adotado na pesquisa contempla diferentes etapas e processos: a) pesquisa bibliográfica e por hiperlinks na web, sobre a legislação vigente, editais de fomento à cultura (em específico o audiovisual); b) mapeamento (por pesquisa na web, via hiperlinks) de mostras e festivais audiovisuais e cinematográficos realizados no Estado do Rio Grande do Sul, seus promotores, especificidades, participantes; c) entrevistas semi-estruturadas com os agentes do campo (realizadores, agentes culturais, organizadores dos eventos, estudantes, etc.) em busca de suas percepções sobre o funcionamento do ecossistema e seus envolvidos; d) levantamento bibliométrico sobre produções acadêmicas e científicas a respeito da cinematografia gaúcha entre os anos de 2000 e 2024; e) produção de um espaço digital na web, catalizador dessas produções, repositório do material audiovisual utilizado na coleta de dados da pesquisa e de futuras produções vinculadas ao ARTIS-UFRGS, bem como à cinematografia gaúcha; f) análise fílmica sobre obras audiovisuais gaúchas na busca de identificar marcas estéticas e políticas regionais.

O **objetivo** do estudo é mapear o ecossistema audiovisual gaúcho e as dinâmicas internas deste, sob o prisma da Economia Política da Comunicação e da Cultura:

a tradição crítica impacta mais diretamente a Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura porque as indústrias de comunicação desempenham um papel central nas sociedades modernas, ao mesmo tempo como indústrias em si e como local das representações e arenas de debate por meio do qual o sistema é pensado, discutido. No capitalismo global, defendem os pesquisadores, a tensão entre interesse privado e bem público é pronunciada. Enquanto os esforços de elaboração de políticas públicas são conflituosos, há um avanço das privatizações e dos abusos de poder. Por isso, a economia política crítica é mais importante do que nunca para entender o processo de desenvolvimento do capitalismo, tendo a mídia contemporânea operando dentro deste sistema. (MORAIS, JAMBEIRO, 2020, p.192-193)

Mesmo dentro do contexto estadual, entendemos preliminarmente que existem diferenças microrregionais que vão refletir em marcas estéticas e políticas sobre as obras. Para alcançar essas marcas, discursivas e estilísticas, lançamos mão da análise fílmica e das categorias analíticas propostas por teóricos do cinema. Essas marcas distintivas serão analisadas sincrônica e diacronicamente, constituindo coleções (constelações) significativas aos pesquisadores para embasar as discussões teóricas daí provenientes. O

arranjo multifacetado da pesquisa busca complexificar o olhar sobre o campo, descentralizando as discussões de aspectos meramente econômicos ou exclusivamente artísticos para reconhecer a interdependência destes nas obras.

CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

A primeira marca distintiva que emerge do contato com o ecossistema audiovisual gaúcho é a percepção, através da construção de um mapa, da coincidência de eventos (mostras e festivais) com os cursos universitário na área. A construção desse mapa toma, primeiro, as Regiões Funcionais de Planejamento (RFs) do governo do Estado do Rio Grande do Sul para a descentralização das políticas públicas em observação às demandas e características microrregionais. Atualmente, as Regiões Funcionais de Planejamento são divididas da seguinte forma: RF 1 – Sede Porto Alegre; RF 2 – Sede Santa Cruz Do Sul; RF 3 – Sede Caxias Do Sul; RF 4 – Sede Capão Da Canoa; RF 5 – Sede Pelotas; RF 6 – Sede Uruguaiana; RF 7 – Sede Santa Rosa; RF 8 – Sede Santa Maria; RF 9 – Sede Passo Fundo. Destas, apenas a RF 9 e a RF 4 não apresentam eventos audiovisuais e/ou cinematográficos. Ainda que nelas estejam operando campi de universidades públicas e privadas, há uma lacuna a ser preenchida por, talvez, uma articulação com os polos culturais e agentes culturais locais.

Outro dado que emerge dos primeiros encontros com realizadores e organizadores de eventos é a percepção de que estes funcionam como catalizadores da mão de obra especializada, permitindo a formação de novas redes, de acordo com cada projeto em andamento. Nem todos são voltados à bilheteria e às métricas capitalistas, já que os agentes do campo audiovisual por vezes trabalham sob a “promessa” da repartição de dividendos a partir da captação de recursos (em curso ou posterior à realização), por colaboração voluntária com projetos a que se disponham, entre outras formas de conexão. Daí emergem as leituras sob a ótica da Economia da Dádiva, as particularidades do cinema de baixo orçamento e a discussão entre o profissional e o amador, pautas essas já transformadas em artigo pelos pesquisadores do ARTIS-UFRGS.

Os eventos, por outro lado, ganham um caráter de ação política e social (TURNER, 1997) quando fomentam a participação dos municípios que os hospedam a integrarem as comissões organizadoras. Tal situação passa a dar visibilidade aos administradores públicos sobre os impactos da indústria audiovisual e cinematográfica para além da economia local a curto prazo (restaurantes, hotéis, transporte). Um exemplo

é o de Antônio Prado – RS, que transformou o cenário do filme *O Quatrilho* (Fabio Barreto, 1995) em ponto turístico da Serra Gaúcha, atraindo visitantes que desejam conhecer o maior acervo arquitetônico de descendentes italianos no Brasil, mote explorado até os dias atuais a partir da visibilidade dada pelo filme à localidade. Outro exemplo, não tão bem-sucedido, é o de Bagé - RS, que abrigou as gravações de *O tempo e o Vento* (Jaime Monjardim, 2012), adaptação para as telas da obra literária de Érico Veríssimo, e foi palco da construção da cidade cinematográfica para as gravações. Sem manutenção, as ruínas aguardam uma visão empreendedora do poder público ou da iniciativa privada para se reerguer.

Santa Cruz do Sul, Pelotas, Rio Grande, Santana do Livramento estão hoje representando cidades com maior movimentação no campo audiovisual fora da região metropolitana, com festivais, mostras, polos de cultura, agentes culturais e cursos ligados à área. Caxias do Sul e Santa Maria, que já foram polos produtivos e hospedaram eventos audiovisuais e/ou cinematográficos há décadas, hoje mantêm produções em atividades, mas sem grandes articulações coletivas.

A pesquisa parte agora para o levantamento bibliométrico das produções científicas e acadêmicas sobre o cinema gaúcho, tendo como primeiro escopo as teses e dissertações defendidas nos cursos de pós-graduação no Estado. Depois, serão analisados também os artigos científicos em periódicos da área, procurando dimensionar a representatividade do tema no período analisado. A partir desse levantamento, sobre o material coletado, serão elencadas categorias ainda a serem definidas para aglutinar e interpretar as subáreas de interesse dos pesquisadores no campo, bem como demandas latentes e possibilidades de investigação ainda não contempladas.

REFERÊNCIAS

- CANAVILHAS, João. **O novo ecossistema mediático**. Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação, 2010. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-o-novo-ecossistema-mediatico.pdf> . Acesso em: 6 fev. 2020.
- CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Editora Cultrix, 1996.
- MORAIS, Kátia; JAMBEIRO, Othon. Por uma economia política do audiovisual no capitalismo global. In Revista **EPTIC**, v.2, n.23, set-dez 2020. Disponível em <https://periodicos.ufs.br/eptic/article/view/13917> .
- ROSSINI, Miriam de Souza; OLIVEIRA, Vanessa K. Labre; NILSSEN, Bibiana, ALMEIDA, Guilherme Fumeo. Tendências do Cinema Brasileiro Contemporâneo. Modelos de produção e de representação. **Sessões do Imaginário**, Porto Alegre, Famecos/PUCRS, v.21, n.35, 2016,

p.2-11. Disponível em:

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/view/24689>

ROSSINI, Miriam de Souza. Cinema Brasileiro e a Economia da Dádiva: o baixo orçamento como projeto político-estético. Projeto de Pesquisa – 2018/2021 – PPGCOM/UFRGS.

ROSSINI, Miriam de Souza. O cinema gaúcho pós-2010 e a urgência do tempo: marcas da tradição e de novas sensibilidades político-estéticas. Projeto de Pesquisa – 2023-2026 – PPGCOM-UFRGS.

SCOLARI, Carlos A.. Más allá de McLuhan: hacia una ecología de los médios. P.33-40 In

RUBLECKI, Anelise; BARICHELLO, Eugenia M. da R.. **Ecología da Mídia**. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2013.

TURNER, Graeme. **Cinema como prática social**. São Paulo: Summus, 1997.

VALIATI, Leandro. FLORESSI, Stefano (Orgs.). **Economia da cultura**. Bem-estar econômico e evolução cultural. Porto Alegre: Editora de UFRGS, 2007.

VALIATI, Leandro; MOLLER, Gustavo. **Economia criativa, cultura e políticas pública**. Porto Alegre: Editora da UFRGS – CEGOV, 2016.